

Mário continua a conversa da sessão anterior.

Bom Retiro, Casa Verde, Carandiru.

Pompeia e Agua Branca.

Pompeia e Agua Branca.

Zona Leste, Jardim Europa, Centro. Barra Funda, Santa Cecília, Centro.

Perdizes, Limão,

Perdizes, Limão,

(A descrição continua, sem parar ele fala em ramificações de 3 e 2).

Papai, mamãe e Mário.

Mamãe e Mário.

Ele grita e tenta me bater.

PSICANÁLISE

Marisa Pelella Mélega

Pós-autismo

*Uma narrativa psicanalítica com as
supervisões de Donald Meltzer*

2ª edição revista e atualizada

Blucher

PÓS-AUTISMO

*Uma narrativa psicanalítica com as
supervisões de Donald Meltzer*

Marisa Pelella Mélega

2ª edição revista e atualizada

Pós-autismo: uma narrativa psicanalítica com as supervisões de Donald Meltzer

© 2024 Marisa Pelella Mélega

1999, 1ª edição – Imago

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Addressa Lira

Produção editorial Thaís Pereira

Preparação de texto Regiane Miyashiro

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Laércio Flenic

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mélega, Maria Pelella

Pós-autismo : uma narrativa psicanalítica com as
supervisões de Donald Meltzer / Maria Pelella Mélega.
– 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo : Blucher, 2024.
244 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2088-6

1. Crianças autistas – Cuidado e tratamento –
Estudo de casos. 2. Psicanálise infantil. I. Título.

21-5417

CDD 618.928982

Índice para catálogo sistemático:

1. Crianças autistas – Cuidado e tratamento

Conteúdo

Introdução	7
1. Mário e suas histórias	13
2. A conceituação atual do autismo e do pós-autismo: as primeiras supervisões de Donald Meltzer	63
3. As supervisões de Meltzer e a teorização sobre os estados de mente no autismo e no pós-autismo	99
4. Combate ao uso de objetos autísticos e novas explorações: como continuar a relação analítica	143
5. Mário chega à adolescência	185
6. Revisão do caso Mário com Donald Meltzer em Oxford, 1997	209
<i>Post-scriptum</i> em 2023	227
Referências	233
Fac-símile de alguns originais enviados por Meltzer à autora	235

1. Mário e suas histórias

Este livro compõe-se da descrição do processo analítico com Mário, 11 anos e 9 meses, que durou cerca de sete anos, com comentários da analista e do supervisor Donald Meltzer, que acompanhou grande parte desse atendimento. Incluímos a teorização acerca do material e uma exposição teórica dos estados autísticos. Ao longo do relato, podem ser seguidos os passos para construir uma relação analítica com esse menino e o testemunho das emoções da analista diante das dificuldades de levar adiante um vínculo que pudesse evoluir para uma relação de crescimento.

Quando recebi Mário para analisá-lo, sabia tratar-se de um menino que apresentava séria dificuldade de contato com a realidade e séria perturbação no aprendizado e que, perto dos dois anos, apresentou um comportamento autista, segundo avaliação clínica de um neurologista.

A história evolutiva de Mário

Desde o início da vida, Mário mostrou-se mais “frágil” para as relações de objeto: não pegava o mamilo facilmente, levava muito tempo para sugar, a mãe tinha a impressão de que ele não gostava, até que, aos dois meses, passou a ser alimentado com mamadeira.

Nos primeiros três meses de vida, ele chorou muito dia e noite, pareciam ser cólicas. Depois ele se tranquilizou, e onde a mãe o colocasse, ele ficava calmo, desde que ela estivesse perto. A mãe informa que não o pegava no colo para não acostamá-lo, exceto nas horas de amamentá-lo.

Com dez meses, começou a falar algumas palavras: “dadá”, “mamá”, “cocô”, imitou o pai falando “sai daí” e tentou falar o nome de uma menina, “Héia”. Nunca foi uma criança alegre, mas parecia inteligente. Andou aos 13 meses.

Aos 18 meses, brincando de esconde-esconde com o tio, assustou-se quando este apareceu, e ficou chorando e rindo. Daí em diante, ele mudou de comportamento: parou de falar, não olhava para a mãe nem para outras pessoas. Era muito agitado, andava o dia inteiro e movimentava muito os braços, chegando até a bater nas orelhas. Não se interessava por brinquedo nenhum, parecia um boneco que andava e comia. Quando contrariado (por exemplo, impedido de mexer nos botões do fogão), ele batia a cabeça na parede, fazia movimentos giratórios em torno de si mesmo, abria e fechava portas e se sacudia quando ouvia música. Ficou totalmente indiferente às pessoas e, mesmo na hora de se alimentar, não fazia contato com a mãe. Passou a se apegar a objetos, segurando-os o dia inteiro. Primeiro foram latas, depois fita métrica, tampa de liquidificador (ele tirava e repunha a tampinha central), revistas, com as quais chegava até a dormir. Esse hábito se manteve até cerca

de nove anos; após isso, ele continuou sempre mantendo as mãos ocupadas com algo: bainha da camisa, botão etc.

Aos 22 meses, foi levado a um neurologista, que diagnosticou autismo e o tratou com medicamentos. Aos 38 meses, quando nasceu o irmão, os pais notaram outra mudança: “ele começou a despertar”; começou a mostrar certo apego ao irmão, à mãe e ao pai. Começou a tentar comer sozinho, a se comunicar por gestos e mostrava muita preocupação com o irmão, que passou a ser “propriedade dele”. Nesse período, ele manifestava o desejo de que os pais e o irmão estivessem sempre juntos, até de mãos dadas, principalmente quando a família estava fora de casa. Ele, porém, não gostava de colo, nem que o abraçassem ou beijassem. Passou a se interessar por números, letras e apontava-os para que a mãe os nomeasse. Parecia que ele já sabia o nome dos meses do ano, da semana, as cores e os números até 50; mas não falava. Recomeçou a falar aos 5 anos e 2 meses. Aos 7 anos e meio, ele foi para o pré-priário. Aos 8 anos e meio, passou a frequentar o CIAM (uma escola especial), onde continuou até iniciar a análise. A dicção é difícil até hoje, a parte motora bucal é bastante prejudicada. Apresenta dificuldades para cortar, pintar, usar faca etc. Lê e escreve muito bem.

A sociabilidade é “periférica”, fica assistindo às brincadeiras das outras crianças; isola-se bastante e conta histórias fazendo uma espécie de teatro.

Os dados progressos, os exames e outras avaliações eram de tal ordem que comecei a atendê-lo quatro vezes por semana, com a intenção de investigar qual seria sua condição dinâmica e estrutural.

Primeiros encontros

Quando vi Mário pela primeira vez, seu aspecto era “mole” e “desconjuntado”. Os olhos me fixavam, mas pareciam “escorrer”, a boca parecia “não segurar nada”, a língua “solta” na boca, os braços e as pernas desarticulados, como os de uma “marionete descoordenada”. A fala era arrastada e sem modulação. Parecia uma criança deficiente, lenta para o contato, que não ouve e não entende, com quem não se pode contar. Assim que entrou na sala, perguntou-me: “Já é quinze e quinze?” (horário daquela sessão). Olhou para mim, sorriu, sentou-se. Olhou a caixa, perguntou se iria ficar até às 16 horas, perguntou se podia brincar com os bonecos da caixa. Aproximou-se, então, e foi pegando coisa por coisa, nomeando-as e dizendo: “Agora vou pegar o lápis, agora a borracha, agora...”. Após ter visto e nomeado tudo, repôs coisa por coisa no lugar. Nomeou os objetos sem usá-los, sem lhes dar sentido, sem uni-los, mostrando, desse modo, um aspecto de sua atividade mental.

Nas sessões seguintes, fez representações de histórias com os bonecos para então abandoná-los e passar a representar, no meio da sala, em pé, gesticulando, batendo as mãos desarticuladamente e andando, como um ator falando para uma plateia e dizendo:

– Tudo começou na pré-história. A aventura deles começou na pré-história. Aí, Deus criou o mundo. Aí começaram os tempos de Adão e Eva. O velho era um lavrador da terra e a velha só cozinhava. Aí, começaram os tempos de Noé. Aí, desde então, o velho começou a ter outra profissão. Era de colher fogo, de fazer fogo, como na pré-história. Aí, depois começaram os tempos de Abraão. Nisso, o velho volta a ser lavrador da Terra. Aí, depois, começam os tempos de Jesus Cristo. E nisso foi descoberta a Europa. Aí então, aquele velho e aquela velha falavam outras línguas, por exemplo, a língua portuguesa, espanhola, holandesa, sueca, francesa, inglesa

e russa. Aí começaram os tempos da Antiguidade. Aí o velho e a velha quiseram ter um filho que nunca tinham tido, nem mesmo na pré-história. Então, a velha deu à luz um filho. Esse menino viveu 100 anos. Depois ele morreu e os velhos ficaram muito tristes. E acabou! (Pequena pausa.) E aí, depois, começaram os tempos dos outros descobrimentos da Europa. O velho e a velha não só falavam sete línguas, como começaram a falar outras línguas. Aí depois começaram os tempos da Independência. Aí, o velho e a velha começaram a ter liberdade total. Aí começaram depois os tempos da República. Nisso, o velho começou a ter mais educação, a não maltratar a velha.

Analista: – Por que maltratava?

Mário: – Às vezes, maltratava! E aí, depois daquele filho, não tiveram mais filho. (Pausa.) Eu quero saber tudo o que aconteceu em 1966!

Analista: – Você quer saber de sua história, da história de seu nascimento.

Ele parece nem ouvir o que digo e se deita cantarolando: – Quem dá mais por um fulano que ousou acreditar... (soltando gases e deitado até o final).

Suas sequências-histórias: passo para uma relação?

Com o progredir da análise, as vozes bíblicas vão cedendo lugar às fábulas, às representações radiofônicas, ao sono (passa a dormir em alguns períodos da sessão). E, quando acorda, procura contato físico e aconchego com o divã, as almofadas, as paredes. Toca meus sapatos, pega em meu braço para olhar as horas em meu relógio.

Digo-lhe então que, quando deixa de falar com a voz de apresentador, surge um menino pequeno, que sente muitas coisas aqui comigo e não sabe ainda como dar palavras. Ele sorri. É uma resposta ao que lhe digo, o que dificilmente acontece.

Quando faz as apresentações, ele exige que eu permaneça ouvindo-o sem interromper, como alguém de uma plateia. Ele vai se agitando, balançando braços e pernas em movimentos parecidos aos de uma marionete que está sendo articulada pelas cordinhas.

Ele faz o programa radiofônico usando todo o tempo da sessão. Eu devo permanecer um objeto controlado, uma presa de suas palavras. É difícil ficar “nesse papel”, sinto-me sem função, e quando vivo esse sentimento de uma forma intensa, eu reajo. É o que ocorreu, por exemplo, na sessão de 4 de maio de 1978, relatada a seguir.

Sessão de 4 de maio de 1978 – “A interrupção”

Está com o rosto congestionado (pelo resfriado?). Vai entrando na sala e eu o olho bem nos olhos, para estabelecer contato. Ele começa a mesma série de cenas de cantar no meio da sala, virando para a porta, meio de costas para mim: – Falaram que meu amigo é surdo... parece absurdo apanhar tanto... Pandeiro, não, Surdo é o meu nome, pandeiro não come, mas pode apanhar...

Eu, sentada na cadeira, percebo-me em uma atitude de esperar que Mário faça exatamente as mesmas encenações, esperando que ele faça contato direto comigo após as dramatizações. Então, percebo que ele me amarrou numa expectativa e me “mantém ocupada” sensorialmente com a “encenação”.

Interrompo-o, levantando-me e colocando-me na frente dele, no meio da sala, dizendo que agora eu vou contar uma história. Ele diz que agora não, depois que ele terminar. Digo que tem que

ser agora, senão depois esqueço; muito a contragosto, ele me deixa iniciar, mas, em seguida, jogado no divã, urra e bate os punhos, dizendo que não era para fazer isso agora.

A história:

– Era uma vez um menino chamado Mário que, quando se encontrava com a dra. Marisa, ficava tão apavorado que, para poder se sentir melhor, mais tranquilo, tinha consigo/carregava consigo, toda uma história a falar e ouvir, que ele já conhecia todinha. E que, enquanto ele ia desenrolando essa história, ele podia, por trás dela, observar um pouquinho a dra. Marisa e a si mesmo enquanto estavam juntos.

Sob violentos protestos, ele me deixa terminar, chorando, como se tivesse estragado o “brinquedo” dele. Eu termino e ele se levanta para continuar a encenação, mas tem uma tontura e se apoia na parede. Levanto-me dizendo-lhe que, se me ouviu, percebeu o que se passa com ele, e não vai poder fazer de conta que continua tudo igual. Ele está meio choramingando, meio gritando, querendo impedir que eu continue, e dizendo que eu estraguei tudo.

Eu lhe digo que se sentiu tão assustado e desprotegido como se eu tivesse tirado dele uma chupeta, um ursinho ou um paninho muito usado. Que sente que pode ir crescendo aqui dentro se eu o deixar usar sua encenação-chupeta.

Ele volta à habitual encenação-brincadeira, mas com outra disposição, com o rosto e os olhos vivos, mantendo-se em contato comigo por meio destes. Aponto-lhe a mudança.

Termina a hora antes de ter concluído toda a programação e sai, continuando a falar a programação.

Com essa experiência, fiquei mobilizada para encontrar outra forma de me relacionar com ele, interrompendo-o e apontando-lhe

a estrutura da relação que mantinha comigo e que consistia em “amarrar-me” em suas sequências-histórias e não permitindo “interferências” de minha parte. Como recursos para manter essa relação comigo, ele tinha: uma programação estabelecida na sessão, desde o início até o fim; o bombardeio do seu falar incessante, às vezes muito alto, dramatizando as personagens como um teatro dentro do qual ele parecia viver algumas emoções aparentemente produzidas pelo desenrolar de suas próprias histórias. Outro recurso era uma atividade em que ele nomeava, agrupava ou fazia listas intermináveis, do início ao fim da sessão, atividade que eu considerava vazia de significado e de emoção.

Diante dessas condutas, eu me sentia sem instrumentos para responder-lhe analiticamente e meus sentimentos contratransferenciais, às vezes, eram de desânimo ou mesmo de querer me livrar daquele bombardeio. Fazia tentativas de aproximação, colocando-me dentro de suas histórias, ou dramatizando e verbalizando “o papel” que ele me atribuía na transferência (bebê, aluno, ouvinte), mas eram tentativas inseguras, logo abandonadas por mim, pois a resposta dele era ignorar minha presença, e eu precisava de resposta para ir adiante.

Aos poucos, configurou-se que eu era o representante (na transferência) de um bebê “sem lugar”, “sem poder ser ouvido”, “sem poder se movimentar”, “sozinho”, sem ter a quem recorrer.

Esse aspecto dele, de desamparo e abandono, e a contraparte dele, de repórter-comentarista (e tirano), estavam agora bastante discriminados.

Então, se estava claro que as “sequências-histórias” dramatizadas eram as defesas que ele mobilizava para deixar de tomar contato com sua mente quando estava comigo, não estava claro como trabalhar a situação de não contato e vínculo com as “sequências-histórias”. Paralelamente às “sequências-histórias”, havia escapes:

eram gestos, toques, posturas durante as dramatizações que, como atos falhos, podiam dar elementos inconscientes que se insinuavam nas frestas produzidas pela relação transferencial.

Dentro das “sequências-histórias”, havia também alguns *flashes* de sentido mais claro. E se, por um lado, achei que não convinha dar atenção aos conteúdos – o que, aliás, era muito complicado de acompanhar, pois resultava para mim “entrar no jogo de decifrar o que ele estava dizendo” –, por outro lado, pus em dúvida se constituía o melhor procedimento apenas focalizar a defesa ao contato e à experiência, mostrando-lhe muito mais a estrutura dessa relação e não usando o material que ele comunicava durante as suas “sequências-histórias”.

Contudo, o fato é que o material que ele comunicava era muito confuso para mim; muitas vezes, pensava ter apenas a função de me entupir. E havia também um outro fator de dificuldade trazido pelo bombardeio sensorial que ele era capaz de fazer durante as dramatizações: falar alto e continuamente. Talvez, sobretudo os “escapes”, durante as dramatizações, tenham-me dado a possibilidade de entrar em contato com outro Mário, aquele que, por exemplo, enquanto o comentarista falava os últimos acontecimentos mundiais, estava agarrado a uma almofada, tocava nas portas da sala e no seu ânus, mostrando “preocupações bem diferentes” às do comentarista. De repente, de suas histórias, emergiam verbalizações que pareciam alusivas a um estado emocional presente, à sua condição de vida. Algumas vezes eram histórias sobre o “acidente” ou que falavam da consciência de seu estado e de sua perturbação.

Sessão de 6 de junho de 1978 – “Amanhã é meu aniversário”

Dirige-se para os armários da sala e tenta abrir as portas, mas não consegue; liga e desliga os interruptores e os botões do “Bom

Clima”, sobe no banco, deita-se na mesa e desce pelo outro banco. Repete algumas vezes essa sequência. Digo que está querendo ver como está tudo e conhecer mais alguma coisa por dentro. E que deseja fazer o mesmo em relação a mim. Ele abre então a caixa em cima do divã e vê que tem folhas novas. Diz para mim (novamente) que amanhã é seu aniversário. A conduta está entre um examinar para ver se está tudo em ordem, em funcionamento, e um investigar, mas com desconfiança. Pergunta as horas; passaram-se doze minutos desde que entrou.

Digo-lhe que acredita que, passando o tempo, vai diminuir ou passar sua aflição. Ele volta a mexer nos botões do “Bom Clima”, parece pensativo e deprimido. Aponto-lhe como o vejo e que está parecendo querer acertar qual botão pudesse lhe dizer algo que o ajudasse nesse momento. Ele começa a “nhanhar”, como que me imitando de estar falando tanto. E faz uns movimentos de mãos, passando pela boca, nariz, olhos e alto da cabeça e unhando-se como que “vestindo-se de marionete”! Aí levanta e fala qualquer coisa, gesticulando e pondo toda hora as mãos nos genitais. Digo-lhe que está ocupado na tentativa de não fazer com o seu genital o que a cabeça dele já está fazendo, ou seja, masturbando-se. Quase em seguida, ele para e, aproximando-se de mim, pergunta se pode ir ao banheiro. Digo-lhe que ir ao banheiro é uma tentativa dele de se aliviar do que pensou fazer. Ele torna a perguntar e eu lhe digo que sim. Quando volta, ele para um instante para mexer na tomada. Está tristonho; digo-lhe que ele sente que não resolveu “seu problema” indo ao banheiro, mas que continua com vontade de pôr-se dentro de mim por meio de seu pipi. Ele se senta e começa a falar que os jogos de Peru e Rússia serão televisionados.

Digo que ele pode ter conhecimento de como será o que lhe for dado acesso. Das outras coisas, só conhecerá o resultado, por exemplo: pode conhecer o irmão, mas não estive lá para ver como

aconteceu entre os pais. Ele me corrige, como se eu não tivesse entendido sua fala. Eu repito; ele me olha surpreso. Ele, então, pega e abre a caixa e começa a arrancar aos poucos tudo de dentro e a colocar o conteúdo no divã até esvaziá-la. Vira-a em pé e, batendo de leve com as mãos, pelo lugar que tem a alça, diz: “Se ficasse sem nada, não teria problema?”. No momento, não alcancei o que disse e achei que ele tinha percebido que tirara tudo e eu achando que tirara. Digo-lhe, então, que foi tirando coisa por coisa para pôr a limpo o que podia estar dentro de mim ou da sua mãe: sujeiras, nenês, partes do papai, coisas perigosas!

Ele então recoloca aos poucos tudo de volta e fecha novamente a caixa. Faltam agora dois minutos para terminar. A sala está com o travesseiro no chão, o banco e a caixa fora do lugar. Termina a hora.

Da supervisão com a Dra. Vida Maberino Prego y Silva¹

Tomo contato com uma compreensão de Mário que se aproxima daquela das crianças neuróticas. O paciente quer ligar o botão adequado e estuda o quarto de jogos com o que pode representar como uma coisa sua e dele. Eu lhe interpreto que quer ver algo dentro de si e ele abre a caixa. Parece que ele faz uma clivagem de si mesmo, em que uma parte dele fica no divã, em atitude “analítica”, e a outra parte segue fazendo coisas no quarto e, então, ao ver folhas novas, associa-as com aniversário. Agora, para esse menino que fala tantas histórias, nada escrito é como nascer. As folhas novas são suas possibilidades e, se estão em branco, pode enchê-las. Quando pergunta a hora, tem necessidade de aclarar uma confusão com

1 Psicanalista didata da Associação Uruguaia de Psicanálise.

o tempo. Porque, quando fala do aniversário, é um nascimento de antes, e agora seria com você. Perguntar a hora é acertar-se no tempo. Está pensativo e triste. Quando você lhe fala, ele não aceita o que você lhe diz e aí está uma parte da sessão – e o que aparece é a marionete, ele se fazendo de marionete, pois seu mundo interno está sobre o divã. Começa a gesticular, a falar e a assegurar-se de que tem os genitais, toca-se, está excitado. E assume uma atitude diferente para pedir licença de ir ao banheiro. Volta e está triste e você comenta que ter ido ao banheiro ver seus genitais não resolve o problema, e ele passa imediatamente à TV. Na TV, pode-se ver, mas ele se queixa que só pode ver dois (Rússia e Peru). Que se passa? Ele não pôde ver algo quando foi ao banheiro e você interpreta, o que me parece muito adequado, que ele pode ver parcialmente, só o resultado. Com isso, ele abre a caixa (que estava sobre o divã) e tira tudo afoitamente. O que tira de dentro: a relação dos pais, o irmão que nasce...

Você interpreta que ele tira tudo para examinar, mas se você lhe dissesse que, quando ele tira tudo, é para ver-se livre de tantas coisas conflitivas... a fala dele “Se ficasse sem nada, não teria problema?” corresponde à marionete, estado mental-defesa contra o sentir; marionete é vazia, é um saco. Ele faz três tentativas para encontrar o botão certo. Que parece ter relação com você. Qual botão ele deve apertar para que eu diga o que ele pretende? Porque o aniversário reverte a esse momento em que ele foi o bebê produto da relação papai-mamãe.

* * *

Nesse primeiro ano de análise, a Dra. Vida Maberino Prego y Silva, que vinha regularmente a São Paulo para dar formação em análise de crianças e adolescentes da SBPSP, supervisionou várias sessões de Mário. A propósito da sessão de 4 de maio de 1978, ela comentou:

Esse menino esconde o que tem de valor, suas emoções e percepções, fazendo um tecido com um amontoado de palavras, fábulas e novelas. Ele tem que pôr tudo sob seu controle para não aparecer o aspecto mau da analista. A relação que tem com a analista é mantida secreta pelo temor de que se aclare e se converta em algo perigoso.

Na sessão de 15 de maio de 1978, eu chego quinze minutos atrasada e aviso que vou repor o horário. No meio da sala, ele começa a noticiar:

– Os presos do Dops estão sendo detidos por mais tempo. E estão sendo malvados com o Dops.

– Os “presos-Mário” estavam esperando mais tempo na sala de espera porque a “Marisa-Dops” estava atrasada e os “presos-Mário” ficaram pensando malvadezas – respondo a ele.

Mário ri do que eu falei e, em seguida, continua a reportagem.

Nas sessões de maio, ele cita informações vindas da leitura de enciclopédias (o pai trabalha em uma editora).

A dra. Vida, em supervisão de 3 de junho de 1978, salienta um aspecto pouco cuidado por mim: a masturbação. “Ele está querendo introduzir a adolescência que está despontando. A enciclopédia é o livro que responde às perguntas que não são respondidas pelos adultos.”

Na sessão de 15 de junho de 1978, uma das programações falava da mulher do vampiro. A um certo momento, a analista fala do “Mário-rádio-TV” e do “Mário de 13 anos com uma mulher adulta na sala”. Ele escuta e pergunta as horas. Em seguida, faz uma dramatização em que ele sempre responde: “Por favor, não me comprometa”.

Na sessão de 22 de junho de 1978, o mote “por favor, não me comprometa” continua. Mário dramatiza vários personagens, por exemplo, Charles de Gaulle, que é interpelado por uma VOZ:

Uma voz: – Senhor, tenho um recado de sua mulher para o senhor.

De Gaulle: – Eu não tenho mulher; o senhor, por favor, não me comprometa.

Uma voz: – Senhor, tenho um recado de sua filha.

De Gaulle: – Não tenho filhos; o senhor, por favor, não me comprometa.

E assim por diante. Na semana seguinte, a estrutura das dramatizações é a mesma, mas ele vai entrando em confusão. O mote da sessão passa a ser “tudo errado”.

Nas primeiras sessões de agosto de 1978, após as férias, sua defesa ao falar continuamente uma programação preparada falha. Ele não tem segurança, atrapalha-se na sequência, para no meio da apresentação para pensar, comete atos falhos, há elementos persecutórios nas encenações.

Nota: penso que a separação das férias promoveu várias moções que, no reencontro, não consegue controlar com suas defesas obsessivas, mas pouco consigo transmitir do que eu pensei.

Sessão de 13 de setembro de 1978 – “A Cuca vai pegar”

– Boa tarde. Vamos apresentar o Sítio do Pica-pau Amarelo, na série “A Cuca vai pegar: o começo da caçada do Saci”. Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde foram na casa do tio Barnabé, e ele contou a história do Saci e perguntou se eles estavam dispostos a caçar o Saci. Aí, eles começaram a caçar o Saci, e chamaram o

Rabicó. Aí, durante a caçada do Saci, Pedrinho sentiu um vento forte que parecia um furacão. Então, todo mundo escapou, e aí não tiveram mais nenhuma coragem para caçar o Saci, mais ou menos por uns dez dias. Agora vou apresentar: “O seu pedido vale prêmios”. Primeiro pedido: de Sônia Regina, de Rio Bonito. É o conjunto Saint-Exupéry (e canta a música): “*C'est la vie*”. Agora, o último pedido: Cláudio de Almeida Bastos, de Santo Amaro. Com Roberto Leal: “Terra de Maria” (canta a música). Tchau, pessoal! Até a próxima semana!

Termina e senta-se no divã. Pausa.

É a hora em que ele dá espaço para ter um contato direto, conversar, às vezes. Na primeira parte da sessão, ao estar representando, cantando, não devo falar, eu sou plateia assistindo, sentada no meu lugar e, aos poucos, enquanto conta as suas histórias, ele pode me olhar, observar. Assim vão emergindo aspectos da mente dele que se comunicam por movimentos de braços, olhos, abrir armários, bater de leve nas portas etc., que parecem todos os escapes da representação e que irrompem na representação central (que seria a defesa).

As histórias têm agora uma estrutura, representações, uma sequência, uma lógica, uma evolução nos conteúdos. Estão cada vez menos fantásticas e mais claras. Na primeira parte da sessão, ele “me empurra para um canto” para deixar um grande espaço para si. Parece necessitar fazer dessa forma, manter distância, e, aos poucos (nem em todas as sessões), consegue se aproximar o suficiente para que eu tenha o sentimento de estar com alguém na sala, de que eu posso ouvi-lo e ele pode me ouvir, e ambos sabemos disso. Atualmente, as representações dele já podem ser seguidas por mim. Porém, em inúmeros momentos, ainda “sinto não ter o que fazer” diante do isolamento que ele me impõe. Frequentemente, faço uma aproximação, assumindo um dos papéis dentro

do “jogo de representações”. Mário é sempre o que narra, o dono das histórias ou o professor que ensina geografia, história etc. Eu tomo um lugar real em sua representação dramatizando o aluno que toma nota do que ele está contando e repetindo alto o que ele vai dizendo.

É discutível esse meu modo de estar com ele, é uma exploração para investigar a resposta dele e a utilidade de delimitar concretamente minha presença. Talvez seja mais útil eu lutar por um lugar tentando superar os sentimentos de impotência diante dessa relação.

Voltando à sessão: ele faz uma pausa e senta-se. Mário pede-me emprestada a revista *Veja* que está na sala de espera, que ele promete trazer de volta amanhã.

Pergunto-lhe o que faz com uma revista de gente grande. Mário diz que gosta de ler os assuntos, os títulos dos assuntos.

Ele mesmo diz que não dá para ler, somente os títulos! É como se ele não comesse, só olhasse.

Analista: – Fala uma coisa que você gosta de comer!

Mário: – Maçã.

Analista: – Então! Você imagina que comeu uma maçã se ficou só olhando para ela?

Mário está surpreso e sorri.

Analista: – Então, se não chega perto, pega, morde, mastiga, engole, não põe para dentro. Não sustenta. Não cresce.

Então, ele faz um jogo. Pega a caixa de ludo que está do lado, no divã, e diz:

– Eu faço de conta que a caixa é o carro. O carro está na garagem (faz a caixa andar até o outro extremo do divã). Aí veio o

caminhão e “POU”!!! Aí pegou fogo e morreu toda a família... ele morreu. Aí o carro não tinha mais utilidade e foi todo estraçalhado! Acabou a história do acidente (e põe a caixa no lugar).

Pega então a almofada e experimenta apertá-la com os braços, com os lábios, lambe-a, chupa-a, cospe nela, joga-a longe, no chão. Agora com os pés na parede, fica me olhando e alisando a parede.

Mário: – Você me empresta a *Veja*? (matreiro)

Analista: – É! Para mostrar na sua casa quem é você, que fica com as minhas coisas!

Mário sorri e com os pés empurra a minha cadeira. Termina a hora.

Assim, ao longo dos meses seguintes, as histórias de Mário mostravam conteúdos que ora pareciam estar ligados ao “aqui e agora” da relação analítica, ora pareciam exteriorização de “seus pensamentos” acerca de si mesmo. Selecionei algumas sessões para dar ao leitor uma ideia do que estou falando.

Sessão de 21 de setembro de 1978 – “O Dr. que fez muita gente de bobo”

“Pinóquio em ‘O Dr. que fez muita gente de bobo’

Um velho doutor vinha caminhando pela aldeia quando, de repente, encontrou um homem e falou assim: – Por que estás tão triste?

Homem: – Porque um lobo comeu minhas galinhas e não tenho mais ovos para comer.

Dr.: – Não se preocupe que eu choro para você.

H.: – Quem é o senhor, afinal?

Dr.: – Sou o Dr. Tristeza. Quando vejo as pessoas tristes, eu choro por elas, mas eu tenho um remédio para isso, o remédio da felicidade. Tó!

H. toma o remédio.

Aí, o Dr. encontrou uma Mulher e falou: – Por que estás tão triste? Oh! Por que estás tão triste?

M.: – Porque eu saí de casa e agora não tenho para onde ir.

Dr.: – Não se preocupe que eu choro por você. (E o Dr. chora.)

Aí a mulher perguntou: – Quem é o senhor, afinal?

Dr.: – Eu sou o Dr. Tristeza, mas não se preocupe, eu tenho o remédio da felicidade. Tó!

Um pouco mais adiante, o Dr. falou: – Acabou o remédio, preciso fazer outro mais uma vez. Mas primeiro preciso ver onde vou passar a noite!

Aí, no dia seguinte, Pinóquio encontrou o corvo dando risada. Aí, os animais da aldeia se reuniram em assembleia geral.

Chefe: – Nós temos que escolher quem pode resolver o problema do corvo, da toupeira e do coelho. Só pode ser você, Pinóquio. Porque você é o único que entende a linguagem das pessoas e dos animais

– Tá bem, eu vou – falou Pinóquio. E, cochichando, quebrou o remédio.

Aí o Dr. desculpa e Pinóquio pede para fazer um remédio: – Para me transformar em gente. O Sr. não vai fazer?

O Dr. faz. Pronto.

– Nós vamos tomar. (Toma o remédio.) Aí ele dá uma gargalhada.

– Por que o remédio não faz efeito em mim? Porque eu sou de madeira.

– Ei, Pinóquio! Você não vai resolver o problema do corvo, da toupeira e do coelhinho?

– Por que aquele pessoal está rindo? – falou Ladrinário.

Pinóquio respondeu: – Porque eles tomaram o remédio da felicidade.

– Não acreditamos! – gritou Ladrinário.”

Sessão de 27 de setembro de 1978 – “Pinóquio, o filho de Deus”

“Pinóquio viajava de navio; de repente, naufragou! Aí encontrou o chefe da malvadeza, que falou assim:

– Pinóquio, nós naufragamos juntos, agora você vai ser só meu.

Pinóquio falou: – Barba Ruiva, você está aqui?

Barba Ruiva falou: – Cadê o Ladrinário?

– Ele já se afogou! – falou o chefe da malvadeza. – Agora você é meu, Pinóquio!

Pinóquio gritou: – Vovozinho, me ajude!

Gepeto respondeu: – Oh, Pinóquio! Que bom encontrá-lo.

Gritou o chefe da malvadeza: – Ah, é? Seu velho!

Gepeto: – Agora você vai ver com quantos paus se faz uma canoa! Guardas, prendam estes três!

Chefe da malvadeza: – Não tenho nada a ver! Soltem-me! (Livrou-se das cordas e fugiu.)

Guarda: – Leve-os para a capital, Pinóquio, Gepeto, Barba Ruiva.

Rei e cientista do país reunidos.

Cientista do país: – Segundo minhas experiências, esse boneco vem de Júpiter.

– Então – gritou o Rei – vai nos atacar quando crescer!

– Perfeitamente – falou o cientista.

Rei: – Queimem esse boneco!

Pinóquio geme e pede ajuda a Barba Ruiva.

Rei: – Levem esse velho para a prisão! Agora, podem queimá-lo!

Pinóquio: – Não! Não!

– Meu caro Rei, ele é o mensageiro de Deus – o Cardeal falou.”

Mário quis interromper a história. Transtornou-se momentaneamente.

– Não sei, é que é muito comprida...

Ele chegara quinze minutos atrasado. Passa a ler uma lista que ele fizera numa folha e pede para ir ao banheiro! Deixa a porta do banheiro aberta.

Nota: é possível inferir sua ansiedade em relação ao tempo, que ele tem consciência de estar acabando, ao conteúdo da história onde haverá morte e isto tudo se manifesta pela interrupção da história, o que é raro acontecer; ele perde o controle e acaba indo ao banheiro.

Bom Retiro, Casa Verde, Carandiru.

Pompeia e Agua Branca.

Pompeia e Agua Branca.

Zona Leste, Jardim Europa, Centro. Barra Funda, Santa Cecília, Centro.

Perdizes, Limão,

Perdizes, Limão,

A autora pretende **compartilhar** com o leitor interessado em psicanálise a intimidade de um processo analítico em que a relação humana e as peculiaridades do mundo das crianças autistas tornam a tarefa de analisá-las extremamente árdua e, por vezes, impossível, bem como, os passos da supervisão realizada por Donald Meltzer durante o período de 1979 a 1983.

Trata-se de um caso clínico em que o paciente apresentou um episódio de autismo infantil aos 2 anos e na época foi tratado apenas com medicação. A estruturação de sua personalidade caminhou para um *pós-autismo* com fortes defesas obsessivas, e uma enorme deficiência de formação simbólica por conseguir lidar com suas experiências emocionais por meio de uma inversão da função alfa, segundo a conceituação de W. Bion.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2088-6

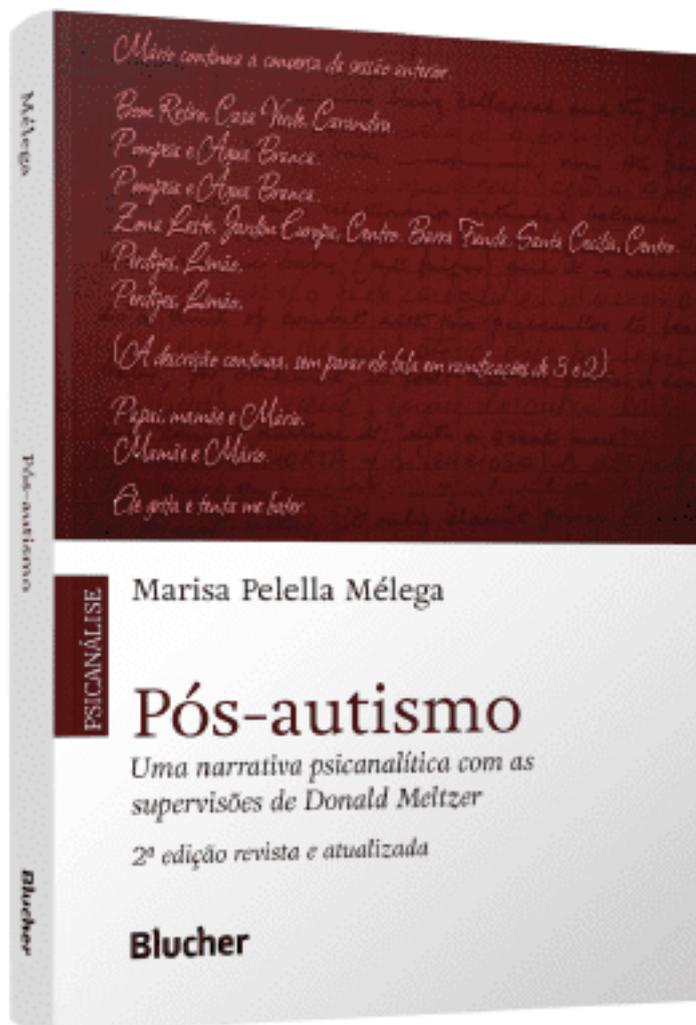


9 788521 220886



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Pós-autismo

Uma narrativa psicanalítica com as supervisões de Donald Meltzer

Marisa Pelella Mélega

ISBN: 9788521220886

Páginas: 224

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
